REVISTA OLORUN, N. 23, fevereiro, 2015

ISSN 2358-3320 http://www.olorun.com.br

BÁRA DO CORPO

Luiz L. Marins

www.luizlmarins.com.br

Quinta edição com revisões.

01/03/2016

RESUMO

Este trabalho analisa o equívoco da palavra iorubá *Báraa*, que significa a própria pessoa, ou metafisicamente "o espírito que acompanha o corpo", desassociando-o do conceito "*Èṣù Bará do corpo*" inserido nas religiões afro-brasileiras como elemento básico de formação da Noção de pessoa sem o qual "a pessoa não pode saber que está vivo".

O texto mostra as possibilidades em que o equívoco possa ter ocorrido devido ao parônimo das palavras *Báraa* vs *Bara*.

Palavras chaves: Exu, Bara, Bára do corpo, Iorubá, Noção de Pessoa.

INTRODUÇÃO

O conceito de "Bará do corpo" ou "*Èṣù* do corpo" foi introduzido nas religiões afro-brasileiras pelo livro tese "Os Nagô e a Morte", de Juana Elbein dos Santos. Este pseudo conceito de pessoa (a nosso ver) foi adotado academicamente e atualmente já vivenciado religiosamente nas casas de orixá do Brasil. É desconhecido qualquer citação a este conceito antes do livro acima citado.

Segundo este conceito, Bára do corpo seria uma "qualidade de Èṣù" que existiria dentro da pessoa, que lhe daria movimento e vida, rensponsável pela comunicação da pessoa com o mundo exterior, e que daria à pessoa o conceito de "estar viva", sendo que sua ausencia significaria a morte.

Entendemos porém que tal conceito está completamente equivocado, e o motivo de tal equívoco é a linguística, mais uma vez.

Abrindo um parêntese, antropólogos sustentam que o léxico não pode ser utilizado como algo fixo, e que se deve levar em consideração o uso estendido da palavra na sociedade religiosa. Podemos considerar tal extensão quando ocorre naturalmente a partir da prática do nativo ou agente religioso.

Porém, quando se percebe que tal extensão do significado da palavra não ocorreu naturalmente pelo uso nativo, mas veio a existir etnograficamente por uma tese acadêmica, é necessário um estudo mais profundo principalmente quando ela altera conceitos e tradições antigas. Difícil é saber se foi apenas um equívoco, talvez fruto da utopia acadêmica, ou se foi um ato ímprobo.

Assim, usando da inflexibilidade do léxico, mantemos nossa afirmação que tal conceito está equivocado, fechando o parêntese.

Julgamos importante realizar este estudo, que não pretende esgotar o assunto, nem ser a última palavra, mas procura mostrar os equívocos que induziram uma das tradições

das religiões de matriz africana a adotarem um conceito de pessoa inexistente na cultura tradicional ioruba.

Analise o leitor nossos argumentos, confrontando-os com os dicionários, e forme sua própria opinião deste complicado tema.

OS DICIONÁRIOS

Vejamos nos dicionários os significados de Bara, observem atentamente os tons e considerem as enormes possibilidades que podem induzir-nos a equívocos, devido à ortografia e estrutura da língua Iorubá.

Dictionary of the Modern Yoruba.

- Bara, 96-97

Bara bàrà = melancia > citrullus vulgaris.
bàrà = mausoléu real onde são enterrados os *Aláààfin*.
bàrà = bàrà-bàrà = correr movimentando-se de um lado para o outro.
bára = encontro, reunião.
bárà = uma coisa podre.

bààrà = expressão ligada ao ato de defecar.
báárà = o ato de começar algo. *bárá-bárá* = o ato de amarrar algo com firmeza.

bára-bàra = fazer algo superficialmente

- *Báraa*, pg. 87

Bá […] B. […] *ó báraa re ni wájúùmi* > ele encontrou-se na minha presença […] *mo bárãà mi nílé náà* > eu me encontrei naquela casa […].

- *Gbara*, p. 235.

Gbara x *ó ti gbara di* (he is fully equiped) ele está completamente equipado.
[para realizar algo].

A Dictionary of the Yoruba Language, P. 53:

- *bàrà* = planta rasteira que fornece o óleo de semente egunsi.
- *bara* = deus do engano, o demônio, *Ifá*. [não concordamos, mas assim consta]
- *bárabára* = pequena quantidade.
- *bàrabàra* = rapidamente, apressadamente.

BÁRAA – O DUPLO DA PESSOA

"*Báraa*" ou "*Bára do corpo*" é uma expressão idiomática (*òròbíìòwe*) relacionada com a própria pessoa, com o duplo da pessoa, o espírito que acompanha o corpo, e que lhe dá a vida e movimento.

Não tem nada a ver com *Èsù Bará*, cujo palavra é uma contração de *Elégbára* (*ele* + *agbára,* aquele que tem o poder). *Èsù Bará* não está dentro do corpo, nem é o *Èsù* do corpo.

Verificando o dicionário de ioruba de R.C. Abraham, *Dictionary of Modern Yoruba*, 1962, pg. 87, no verbete "ba" temos a seguinte informação:

- *Ó **báraa** re ni wájúùmi* > ele encontrou-se na minha presença.
- *Mo **bárãà** mi nílé náà* > eu me encontrei naquela casa.

Como vemos, a expressão *báraa* refere-se à pessoa, é a própria pessoa, cujo sentido estende a "o que acompanha o corpo", a contraparte espiritual, o duplo, que está junto com a pessoa, faz parte da pessoa. Repetimos: é a pessoa.

Este conceito de pessoa, possivelmente por similaridade fonética, foi associado a *Ès̱ù* originando um pseudo conceito de “*Ès̱ù* Bará do corpo”. Atualmente virou “fundamento” em algumas casas religiosas de matriz africana, possuindo até mesmo assentamento próprio.

Importante - Não nos referimos à feitura no Batuque do *Òrìs̱à Bará* (no batuque) mas sim “Bára do corpo da pessoa” que supostamente daria-lhe movimento e a vida, que seria um Bará que estaria dentro do corpo da pessoa, que nasceria com ele e morreria com ele. Isto não existe no conceito de Noção de Pessoa Iorubá.

É associado à vasilha de búzios que representa a pessoa nos assentos individuais, conforme explica Barretti:

“Bára é um dos nomes que se chama a vasilha com búzios, que faz parte das representações individuais do iniciado, cujos búzios, futuramente, o mesmo efetuará a divinação”. [1]

Acreditamos que um dos motivos que levaram a este equívoco foi o desconhecimento de outro conceito, muito explicado que é o conceito de *è̱mí,* espírito eterno “não encarnado”, portanto, um *ara-ò̱run*, um ser espiritual, versus *èémí*, a respiração. Evidenciando, temos:

IORUBA		PORTUGUÊS
è̱mí vs *èémí*	=	emi vs emi

Por muito tempo pensou-que estas duas palavras em sua escrita aportuguesada, tivessem um conceito único de “respiração”. Seria então necessário que algo animasse os corpos na terra.

Esse algo foi justamente outra palavra iorubá mal compreendida: *báraa,* a pessoa espiritual, associada equivocadamente a *Ès̱ù*.

[1] Aulo Barreti Fº, informação pessoal. <http://aulobarretti.wordpress.com>

Acreditamos que a partir do desconhecimento do significados destas palavras parônimas *Báraa*, *Bara*, *e̱mí*, *èémí*, foi que surgiu o conceito equivocado de *È̱s̱ù Bara do Corpo.*

Este é um dos contra conceitos, a nosso ver equivocados, do uso da palavra "bara". Há um segundo relacionado aos *òrìs̱à*, a palavra *gbara* (R. C. Abraham, pg. 235) que significa "a parafernália completa ou conjunto de coisas de algo ou alguém", e quando aplicada sobre os assentamentos religiosos, toma uma conotação especial porque, todos os elementos que compõe o assentamento de um determinado *Òrìs̱à*, juntos, podem ser chamados de *gbara Òrìs̱à*. Como em português não existe o fonema "gb" torna-se simplesmente "bara de Orixá". Este conceito termina por confundir-se com o assentamento do *È̱s̱ù* do *Òrìs̱à,* também chamado de "bara do santo".

Da mesma maneira, o conjunto de elementos que formam o assentamento de *Orí* pode ser chamado de "*bara de Orí*", isto é, o conjunto de coisas que compõe o assentamento de *Orí*. Mais uma vez as palavras tendem a confundir-se com *È̱s̱ù Bara*.

Este é mais um dado complicador, pois quando em um texto aparece a expressão "*bára do Òrìs̱à*" ou "*bára do Orí*", não sabemos o quis dizer o autor, nem a que, exatamente, o autor se refere, se é que o próprio autor não está a confundir-se. Durante décadas estas palavras confundiram e geraram equívocos. [2]

Outra expressão "*È̱s̱ù obara* – o rei do corpo" é outro equívoco. Em nosso entendimento não existe "*È̱s̱ù Rei do Corpo*" ou "Exu Bara do corpo" na concepção do *Òrìs̱à È̱s̱ù* como parte formadora da "pessoa".

[2] Ver "A Imortalidade Yoruba nos Candomblés Kétu", Aulo Barretti Fº.

BREVE ANÁLISE DE ALGUNS CONCEITOS DO LIVRO "OS NAGÔ E A MORTE"

Dissemos que sua origem é o livro *Nagô e a Morte*. Não queremos com isso dizer que o livro é ruim, não. O livro tem seu valor, discorre maravilhosamente bem sobre *Ès̠ù* como princípio dinâmico de comunicação e realização, sem o qual tudo ficaria estagnado e parado. Neste conceito concordamos com a autora.

Assim, apresentaremos a seguir alguns pontos alguns pontos de concordancia e discordancia de nosso pensamento.

Concordâncias:

"Ès̠ù não pode ser isolado ou classificado em nenhuma categoria [...] Princípio dinâmico e de expansão de tudo o que existe, sem ele todos os elementos do sistema e seu devir ficariam imobilizados. " pg. 130

"Em virtude de como Èsù foi criado por Olódùmarè, ele deve resolver tudo que possa aparecer, e isto faz parte de seu trabalho e de suas obrigações. " pg. 131

"Olódùmare fez Ès̠ù como se fosse um medicamento de poder sobrenatural próprio para cada pessoa". pg. 131

"Os È̠bo̠ra, os Òrìs̠à e todos os Ìrúnmalè podem ver-se a si próprios, acompanhados de seu Ès̠ù [...] Todos os e̠bo̠ra e os òrìs̠à tem, são os irúnmalè, cada um tem seu próprio Ès̠ù à parte. " pgs. 131-132 .

"A função de Ès̠ù consiste em solucionar, resolver todos os trabalhos, encontrar os caminhos apropriados, abri-los ou fechá-los e, principalmente, fornecer sua ajuda e poder a fim de mobilizar e desenvolver tanto a existência de cada indivíduo como as tarefas específicas atribuídas e delegadas a cada uma das entidades sobrenaturais. " pg. 132

"Èṣù é o princípio reparador do sistema Nàgó. É o controlador rígido de todos os sacrifícios. Inspetor geral, segundo Idowu (1962) ". pg. 163

"Oficial de polícia imparcial, segundo Abimbola (1969: 393) que diz: a ação de Èṣù é a de … punir os contraventores, particularmente, aqueles que negligenciam fazer o sacrifício prescrito. " pg. 163

"Se Èṣù abrir os fechar os caminhos, não é por acaso como o sugerem alguns autores, mas resultado do símbolo complexo que ele representa. Seu papel como censor dos caminhos está estreitamente ligado à sua função de princípio de reparação […] Ele é a interação e resume os significados. " pg. 169-170

"A colaboração de Èṣù é indispensável, não só para mobilizar o rito, mas também porque como elebo é o único capaz de transportar e fazer aceitar as oferendas […] sem a colaboração de Èṣù, a dinâmica ficaria paralisada. " pg. 183

Discordâncias:

Para que não julguem nossa crítica como gratuíta e oportunista, citaremos um extrato do texto de Fernando Brumana (2007), professor da Universidade de Cadiz, Espanha:

"Elbein menciona os informantes africanos dos quais tomou longas cantigas, mas nada diz das condições em que esses textos foram registrados, da relação que teve com os informantes, do grau de integração no grupo – caso existisse – a que pertenciam, a língua em que se comunicavam, etc., salvo uma referência em nota de rodapé, na qual informa sobre um idoso com o qual trabalhou em 1970-71, na Nigéria, que lhe recitou e traduziu (para o inglês, suponho) uma narração Os Nago e a Morte, p. 59.

Meu exemplar está cheio de anotações marginais junto a histórias registradas por Elbein: de onde as tirou? Em que condições se contam normalmente? Em que língua as transmitiram? "

No mesmo texto, Brumana transcreve um surpreendente e revelador depoimento de Juana Elbein a Vagner Gonçalves da Silva: [3]

[3] *O antropólogo e sua magia*, Edusp, São Paulo, 2000, p. 102, *apud*, Fernando Brumana, o. c., pg. 17.

"Eu nunca me coloquei, como ainda hoje não me coloco, como uma religiosa. Eu me coloco como uma pessoa aberta a todas as vivências [...]. Eu posso dar minhas explicações intelectuais para tudo isso, mas elas não têm valor. "

Como vemos, os questionamentos do trabalho de Juana Elbein dos Santos, e por consequência, toda a cosmologia, teologia, teogonia, mitologia e conceitos inseridos na diáspora religiosa afro-brasileira não são apenas nossos, mas também da academia, sendo o principal deles, o de Verger em sua famosa crítica "Etnografia Religiosa Ioruba e Probidade Científica", publicado na revista do ISER. [4]

As afirmações a seguir publicadas no livro "Os Nagô e a Morte", embora aceita pela maioria dos sacerdotes e pesquisadores, são equivocadas segundo nosso entendimento.. (Faremos um comentário em sequência).

"Se alguém não tivesse Ès̱ù em seu corpo, não poderia existir, não saberia que estava vivo [...] Ès̱ù é o princípio da existência diferenciada. " pg. 131

"Olódùmarè criou Ès̱ù como um e̱bo̱ra todo especial de maneira tal que [...] residir em cada pessoa". pg. 132

"É no seu papel de princípio de vida individual que Ès̱ù Bara está indissoluvelmente ligado à evolução e ao destino de cada indivíduo". pg. 169

"Em segundo lugar que todos os seres, sem exceção, todos os Irúnmàlè, todos os seres do ò̱run ou do àiyé, todas as porções de existência diferenciada, só podem existir e expressar-se por possuir seu Ès̱ù, seu princípio de vida individual, seu elemento dinâmico, o rei do corpo: bara = o̱ba + ara. " pg. 181

"Se cada coisa e cada ser não tivesse seu próprio Ès̱ù em seu corpo, não poderiam existir, não saberiam que estão vivos. " pg. 181

A noção de estar vivo de uma pessoa não depende de *Ès̱ù*, mas sim, de *èémí* (a respiração). O "movimentar" do ser humano, para respirar, depende de sua vontade ou necessidade como *arayé* (ser humano). A noção de existência diferenciada está em *Orí*,

---

[4] Disponível em www.luizlmarins.com.br . Ver em Artigos.

e não em *Ès̲ù*, de forma que ele não "reside" dentro de uma pessoa. Para melhor explicar nossa contestação, faremos uma comparação abstrata.

Supondo-se que em uma casa qualquer, *Ès̲ù* seja a eletricidade, e a fiação, seus assentamentos, se porventura faltar energia elétrica, o poder de realização do *arayé* dentro desta casa ficará prejudicado, mas sua vida propriamente dita continuará existindo, sem depender da energia elétrica para respirar ou movimentar-se. O princípio de vida individual está em *Orí*, e não em *Ès̲ù*.

Não necessitamos de grande esforço para contestar, pois a própria autora contesta sua tese de *Ès̲ù* como princípio de vida individualizada, quando fala de *Orí, nas paginas 205. 216. 217*:

"O doble do Orí, residindo no ò̲run, é, pois, o doble da existência individualizada de cada pessoa [...] Com efeito, Orí é o que individualiza [...] Orí, representação de vida individualizada no àiyé [...]".

Aqui é ponto "x" da questão. Juana confunde o assentamento que representa a própria pessoa, o *báraa* individual, que contém os búzios, atualmente conhecido por *igbá-orí* (chamado de cremeira no Batuque), com *Ès̲ù Bara* que acompanha o *Òrìs̲a*.

"O Ès̲ù individual, o Bara, é adorado e cultuado em privado pela pessoa a quem acompanha, e a vasilha assento que o representa está localizada num lugar privativo dessa pessoa. A vasilha e seu conteúdo representam seu bara ò̲run visto que seu bara aye reside em seu próprio corpo [...] Toda sacerdotisa, no momento de ser iniciada, receberá dois tipos de vasilhas assentos consagrados:

a) a que representa seu E̲lé̲dá, isto é, seu òrìs̲à, dono da cabeça;
b) a que representa seu Ès̲ù pessoal, seu bara.

Como se pode perceber, ela receberá seu bára ao mesmo tempo, ou até antes da entrega ao assento individual do seu Òrìs̲à." Pg. 209.

Neste ponto precisamos lembrar a fala do prof. Aulo Barretti Fº quando diz que *"bára é um dos nomes que se chama a vasilha com búzios, que faz parte das representações individuais do iniciado, cujos búzios, futuramente, o mesmo efetuará a divinação".*

Pensamos ser este o motivo da autora dizer que "*se alguém não tiver Èsù em seu próprio corpo, não pode saber que está vivo*" ... um equívoco conceitual de Noção de Pessoa.

"De fato, cada Òrìsà possui seu Èsù [...] Na realidade, é o elemento Èsù de cada um deles que executa suas funções. " pg. 131

"Essa capacidade dinâmica de Èsù permite a Sàngó lançar suas pedras de raio e a Òsányìn preparar seus remédios [...] é conhecida sob o nome de agbára." pg. 134

Esta afirmação equivale a dizer que seria o *Èsù* de *Ògún* que malha o ferro, que seria o *Èsù* de *Obàtálá* que criou o mundo, etc. Se assim fosse, deveríamos cultuar então apenas *Èsù*. Para que cultuarmos outros *òrìsà* se seria o *Èsù* deles que faz tudo? Não tem sentido o conceito assim colocado. Melhor seria dizer que *Èsù* é o poder de realização do *Òrìsà*.

Neste sentido queremos destacar a palavra "*agbára*". Esta palavra isoladamente significa "força", e outra palavra "*alágbára*" significa "forte, poderoso, o que tem a força" (Abraham, 1962. pg. 26), e forma um dos *oríkì* (título de louvor de *Èsù*), cuja abreviação é "bára".

"Èsù é o primogênito do universo. Examinando a concepção do universo, resumimos um mito da gênese sobre a aparição dos elementos cósmicos entre os quais se destaca Èsù Yangí." pg. 134

No idioma ioruba, primogenitura pode ser traduzido pela palavra à*kóbí* ou *ìkóbí* (R.C.Abraham, pg. 387). Temos a frase: *Òjó làkó bîmi* (Meu primeiro filho é Ojo).

Na cosmologia iorubá, é universalmente aceito que *Obàtálá* é o primeiro filho de *Olódùmarè* . Para que *Èsù* seja o primogênito, é preciso que, ou *Èsù* tome o lugar de *Obàtálá*, ou então que *Obàtálá* seja o próprio *Olódùmarè*.

REFERÊNCIAS

ABIMBOLA, Wande. “Notes on the Collection, Transcription, Translation and Analysis of Yoruba oral Literature”, in, AFOLAYAN, Adebisi (Org.) *Yoruba Language and Literature*, Ife, University of Ife, 1982.

ABRAHAM, R. C. *Dictionary of Modern Yoruba*, London, Hodder and Stoughton, 1962 [1946].

BARRETTI FILHO, Aulo. *A Imortalidade Yorùbá nos Candomblés Kétu.* Internet. Acessado em 02/01/2015. Disponível em <http://www.luizlmarins.com.br> /artigos.

BRUMANA, Fernando Gionellina “Reflexos Negros em Olhos Brancos”, *Revista Afro-Asia,* n. 36, Salvador, 2007.

CMS. *A Dictionary of the Yoruba Language*, Ibadan, University Press of Ibadan, 2001 [1913].

MARINS. Luiz L. *O perigo para as religiões afro-brasileiras*. Internet. Acessado em 02/01/2015. Disponível em <http://www.luizlmarins.com.br> /artigos.